

A Filosofia Tomista de Michele Federico Sciacca [12/07/1908-24/02/1975]

tradução e adaptação por Daniel Nunes Pêcego/Instituto Aquinate



Federico Sciacca

Michele Federico Sciacca nasceu em Giarre, na província de Catânia, em 12 de Julho de 1908. Entre os anos de 1918 e 1926 surge a sua vocação à investigação de uma verdade capaz de dar sentido à vida. Estudante secundarista, Sciacca descobre-se um leitor voraz: neste período, entre seus autores preferidos sobressaem os nomes de Leopardi, dos pensadores gregos Demócrito e Epicuro e dos filósofos alemães Kant e Fichte os quais, mesmo deixando-lhe questões insolúveis sobre o plano moral, o orientam temporariamente para o idealismo transcendental. Os anos que vão de 1926 a 1930 coincidem com a sua formação universitária. Em 1926 ingressa como estudante de Filosofia no *Sicolorum Gymnasuim* de Catânia, mas como ele mesmo conta nas páginas de *La clessidra* (L'Epos, Palermo, 1993), o desejo de mudar de ares é fortíssimo: “a intolerância com o ambiente de província e com a vida familiar; o demônio da insatisfação com tudo (...) a sede de aventura que me impeliu às mais variadas experiências literárias, filosóficas e também de vida, como o conflito de duas tendências, ao estudo em meditação solitária e à mundanidade, aspirações imprecisas e sonhos de tudo me provocaram a deixar Catânia e a Sicília”. Neste mesmo ano, indeciso entre estabelecer-se em Nápoles ou em Roma (onde ensinava Giovanni Gentile), por fim escolhe a capital da Campânia. Ali assiste às aulas de Antonio Aliotta e Adolfo Omodeo. E é com Aliotta que, em 1930, consegue formar-se em Filosofia com a tese “La filosofia di Tommaso Reid”, pensador pertencente à assim chamada Escola Escocesa (cfr. *La filosofia di Tommaso Reid*, Marzorati, Milão, 1963). Os seus primeiros contatos intelectuais com a obra de Croce, que à época dividia com Gentile grande parte do debate filosófico italiano, não foram certamente um sucesso. As doutrinas crocianas, diferentemente daquelas de Gentile tiveram sobre Sciacca uma incidência quase nula. O encontro com Gentile, ao contrário, representa para o jovem um encontro decisivo sob vários aspectos. A estima de Sciacca pelas lutas de Gentile vem eloqüentemente expressa: “seus escritos teóricos, nos anos de juventude, foram não apenas a minha assídua e meditada leitura, mas a minha filosofia (...) algumas inesquecíveis aulas assistidas em Roma, antes e depois da minha diplomação, me deram a medida de sua capacidade formativa e da autenticidade do homem e do filósofo,

afeiçoaram-me a ele para sempre”. Ainda assim, para além da estima e do afeto sinceros, sob o plano intelectual Sciacca bem cedo se dá conta das aporias do pensamento gentiliano: o ponto de partida de Gentile é que nada está fora do pensamento e isto para Sciacca representa uma absolutização do mesmo pensamento, que permite processos lógicos, mas não pode contemplar princípios fundantes. Ainda em 1930, poucos meses depois de obtido o diploma, começa a sua carreira de professor: suplente de História e Filosofia nos liceus de Tolmino, Pisino e L`Aquila; professor titular no Istituto Magistrale de Lagonegro, no Liceu Clássico de Áquila e no Liceu Científico “V. Cuoco” de Nápoles. O período de 1931 a 1936 é tempo de incertezas teóricas, de inquietudes intelectuais: inovador na esteira dos ensinamentos gentilianos, a sua vontade de transcendência, ainda que naquele momento confusa, o leva a sondar amplamente campos não só estritamente filosóficos, mas também literários. Não por acaso em Sciacca as capacidades argumentativas do filósofo mais rigoroso convivem de modo quase constante com a verve criativa do escritor: característica própria de quem exprime o mesmo conteúdo seja mediado por conceitos, seja através de imagens. Nesta perspectiva, no interior da sua vasta produção intelectual, não faltam exemplos eminentes: Textos de entonação “mística” como *Così parlano le cose mute* (Milão, Marzorati) e sobretudo o esplêndido *Come si vince a Waterloo* (Milão, Marzorati, 1963), cujo tema tratado é a relação entre o silêncio e a palavra como elementos essenciais e indivisíveis da linguagem, tanto a humana, como a divina. Desde 1938 é professor ordinário de História da Filosofia em Pavia. Em 1946 funda a revista internacional “Il Giornale di Metafisica” que dirige até a sua morte. Em 1947 aceita a cátedra de Filosofia Teorética da Faculdade de Letras e Filosofia da Universidade de Gênova, onde, antes de passar para a cátedra de Filosofia da Faculdade de Magistério, dirige por anos o Instituto de Filosofia. Em Gênova, de fato, morre em 24 de fevereiro de 1975. Conforme seu pedido expresso, seu corpo foi sepultado no monte Calvário de Domodossola, na tumba dos padres Rosminianos. Os anos de 1937-1938 coincidem com uma reviravolta filosófica que passa pelo aprofundamento de dois pensadores que se revelaram fundamentais em sua pesquisa: Platão e Rosmini. Meditando sobre a concepção grega sobre a existência, Sciacca vislumbra méritos, mas sobretudo limites, tanto é verdade que a meditação do paganismo, como ele mesmo afirma, o impele de maneira forte e decisiva ao Cristianismo. A procura por uma resposta adequada aos problemas da pessoa, da liberdade, do mal e do sofrimento incita a inteligência de Sciacca para horizontes mais amplos, ou seja, aqueles dados pela metafísica cristã. Similarmente à Hanna Arendt ou Ortega y Gasset, Michele Federico Sciacca é um filósofo não catalogável, dificilmente inserível em alguma

corrente bem definida: não por acaso, como ele mesmo afirma, “há pensadores que vivem de interpretação ou se repetem, outros que crescem sobre si mesmos; para compreendê-los é necessário conhecer todo seu itinerário crítico de aprofundamento. Provavelmente eu pertença a estes últimos” (*Ontologia triádica e trinitária*, L’Epos, Palermo, 1990). Sciacca é um filósofo felizmente “original”, diria Pareyson, porque constantemente em diálogo com a Origem. Ainda que estimado e seguido por muitos jovens, ele gostava de se definir não como um mestre, mas como um discípulo inscrito na escola da verdade, considerada como a única escola da qual ninguém, ao menos em princípio, pode ser excluído. Filósofo católico, sustentador do primado da pessoa e refratário a toda a forma de redução espiritual, moral, antropológica e existencial da pessoa mesma, Sciacca defende o primado da metafísica sobre a gnosiologia: ou seja o primado de um saber supra-racional que funda e dá substância ao conhecimento racional, que a reviravolta de Descartes, que marca o início filosófico da época moderna, contribuiu para danificar. Não obstante a insaciável curiosidade intelectual, Sciacca prefere os filósofos assim denominados “clássicos”; os únicos, ele sustenta, capazes de serem perenemente contemporâneos. Filosoficamente ele se situa principalmente na linha teórica formada por Platão – Agostinho – Tomás – Rosmini. Platão, através das teorias do Eros, do Logos e da Anamnese, lhe ensina que a filosofia não é pesquisa com fim em si mesma, mas percurso sapiencial destinado a desenvolver o sentido da vida que não se reduz a “esta” vida (cfr. *Platone*, Milão, Marzorati, 1967). De Agostinho de Hipona, primeiro verdadeiro pensador autenticamente ocidental, Sciacca aprende que o amor humano se aperfeiçoa através das conquistas e dos erros de sua história pessoal: um caminho que se cumpre escatologicamente, no Amor divino que, mesmo deixando a criatura livre para colaborar o menos no projeto histórico de salvação do Criador, constantemente bate às portas da mente e do coração e exorta a uma resposta construtiva, desenvolve em harmonia entre fé e razão, mistério e evidência: “recuperar Agostinho significa reconquistar (...) a nossa verdadeira realidade humana, a nossa integral natureza (...) E nunca como hoje se precisou tanto de reconquistar o espírito entendido como síntese real de toda a atividade humana em toda a sua força normal” (cfr. *Agostino*, L’Epos, Palermo, 1991). Tomás de Aquino, para Sciacca, representa o teórico mais profundo e equilibrado da assim dita consciência laica: e dizer laicidade significa também exprimir consciência de uma ordem de verdades naturais com as quais a pessoa colhe na sua mesma natureza o quanto ocorre em sua autonomia de criatura (cfr. *Perspettiva sulla metafisica di Santo Tommaso*, L’Epos, Palermo, 1991). A interpretação sciaquiiana de Tomás vai contra aqueles que, se dizendo tomistas e fervorosos “neo-escolásticos”, se limitam a citar o

aquinate “por autoridade”, contribuindo a relegar uma das maiores mentes que a cultura católica produziu à relíquia do passado e evitando, assim, trazer à luz a sua genialidade, não só teológica, mas também mística, válida também para hoje. Rosmini é o pensador “inteiro”, um potente fermento especulativo seja no sentido filosófico seja no teológico: aquele que, como escreve A. M. Tripodi, sabe freqüentar proficuamente os numerosos campos do conhecimento humano radicando-se perenemente na verdade, luz para a razão; e na revelação, luz da fé (cfr. A. M. Tripodi, *Il rosminianesimo di Sciacca*, in AA. VV., *La presenza dei classici nel pensiero di Sciacca*, Olschki, Florença, 1995). Homem de escola com uma destacada vocação ao ensino e ao diálogo, escritor incrivelmente prolífico (o catálogo de suas publicações pode ser consultado graças à bibliografia organizada por Pier Paolo Ottonello: cfr. *Bibliografia degli scritti di e su Michele Federico Sciacca di 1931 al 1995*, Olschki Editore, Florença, 1996), apreciado conferencista na Itália e no exterior (sobretudo na Espanha e nos países latino-americanos), Sciacca é também incansável promotor cultural: são exemplos o Centro di studi rosminiani di Stressa, a Cátedra “Rosmini”, o Istituto internazionale di studi europei “A. Rosmini” de Bolzano. Pessoa dotada de inteligência viva e vivaz, de profunda sensibilidade, de uma preparação cultural extraordinariamente vasta, Sciacca possui meios de atingir muito de muitos pensadores. Mas deles não se limita a ser o repetidor: ao comentário prefere o risco da interpretação; à repetição prefere o repensamento – também correndo o risco de má compreensão. Uma das características principais do seu modo de pensar é sintetizável na convicção segundo a qual toda teoria, por mais que seja errada em sua totalidade, pode sempre conter uma parcela de verdade que se deve levar em conta para um correto reinserimento naquele organismo do saber que, com Rosmini, chama de o sistema da verdade. Para Sciacca, ser filósofo não coincide com o ser professor de Filosofia, ainda que nada impeça aos professores de Filosofia de serem filósofos. Como já acenado nas páginas dedicadas à Hanna Arendt, o homem que formula perguntas e propõe respostas é já filósofo, mesmo que não tenha a mínima consciência disso. A filosofia, em Sciacca, se traduz em filosofar: e filosofar significa inserir-se em um percurso de pesquisa da verdade. Significa propor-se perguntas sobre o sentido da vida, assumir os problemas que contemplam a unidade dos momentos que a compõe na responsabilidade pessoal de respeitar distinções e autonomias. Aquele que nos enxuga as lágrimas ou nos faz sorrir pode ser tudo exceto filosofia: porque, como se pode ler nas páginas de *Atto ed Essere* (L’Epos, Palermo, 1991) a sua tarefa primária é e continua a ser aquela “de aclarar-me a mim mesmo no mistério do Ser, com quem está a chave do enigma do meu ser”. Sciacca, que foi um dos máximos expoentes do



denominado “espiritualismo agostiniano” (declinado segundo modelos rosminianos e tomistas), põe no coração da própria reflexão a noção de “interioridade objetiva”, especialmente em *Interiorità oggetiva* (1951), *Atto e essere* (1956) e *L`uomo questo squilibrato* (1956). Aquela que o filósofo siciliano foi elaborando é uma espécie de “metafísica integral”, através da qual se tenta “resolver em si as duas opostas metafísicas do ser e do pensamento, preservando no pensamento e no ser toda a sua validade e positividade anti-imanentística e anti-historicista: aberta à transcendência e valorizadora da pessoa” (*Filosofia e metafísica, Morcelliana, Bréscia, 1950*, pp. 10-11).

texto italiano de F. Gualco e D. Fusaro/tradução de Daniel Nunes Pêcego.